

DONS E ECONOMIA DAS TROCAS NOS GRUPOS LITERÁRIOS¹

Autoria de Anthony Glinoer² e Michel Lacroix³

Tradução de Francine Fernandes Weiss Ricieri⁴ e Maria Lúcia Dias Mendes⁵

RESUMO

Central na dinâmica dos grupos literários, princípio subjacente da economia de trocas que ali têm lugar, o dom foi, entretanto, pouco estudado segundo esse sentido específico. Adotando uma perspectiva decididamente transnacional, este artigo propõe um panorama das múltiplas formas de dom próprias aos grupos literários: dons de palavra, de manuscritos, de livros, de dedicatórias. Como um fator socializador, o dom conduz a amizade à identidade de grupo, engendrando uma filigrana narrativa constante, o relato da troca. O estudo dos grupos mostra assim a homologia profunda entre dom e narrativa, aquela que se configura como síntese do heterogêneo (Ricœur).

¹ Este artigo foi publicado pela primeira vez na *Revue du Mauss*, Éditions le Bord de L'eau, p. 90-102, v. 1, 2021. DOI 10.3917/rdm1.058.0090. *Texto Poético* agradece aos autores a autorização para a publicação do artigo.

[Nota do tradutor] Em francês o termo “don” (“dom”, em português) tem o sentido de “talento”, habilidade inata; e também de “dádiva” ou “doação”, algo cedido gratuita e voluntariamente sem que nada seja recebido em troca, como na expressão francesa “faire don de”, que significa “doar”, em português. O dom, portanto, teria a acepção dupla de algo recebido gratuitamente – o talento que seria uma graça concedida pela providência divina – e/ou oferecido gratuitamente. Neste artigo, o autor emprega o termo francês “don”, na maior parte das vezes, nessa última acepção, ou seja, a de um objeto cedido desinteressadamente. Optamos por traduzi-lo como “dom”, explicitando a significação dúbia do termo.

² Professor, Université de Sherbrooke, Canada. E-mail: anthony.glinoer@gmail.com. ORCID: 0000-0002-3520-3719.

³ Professor, Université du Québec, Montréal, Canada. E-mail: lacroix.michel@uqam.ca. ORCID: 0000-0003-3198-6979.

⁴ Professora Associada do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Brasil. E-mail: weiss.francine@unifesp.br. ORCID: 0000-0002-4541-3090.

⁵ Professora Associada do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Brasil. E-mail: maria.mendes@unifesp.br. ORCID: 0000-0002-0215-1852.

Jovem poeta espanhol, Guillermo de Torre integra-se a um dos cafés literários de Madri, onde estabelece laços com um dos líderes do modernismo, Cansino Assens, do qual obtém uma carta de recomendação para Ramón Gómez de la Serna, participa com eles do surgimento da vanguarda ultraísta⁶, em 1918, torna-se responsável pela crítica literária e depois secretário de redação da revista *Cosmopolis*, o que lhe permite estabelecer relações com numerosos grupos vanguardistas na Europa e na América do Sul. Ele comenta, com particular entusiasmo, a antologia de poetas expressionistas alemães, traduzida por Jorge Luis Borges que, por sua vez, integra-se ao movimento ultraísta. A irmã de Borges, Norah, também artista, torna-se a mulher de Guillermo de Torre em 1928 e este lhe dedicará vários poemas. Paralelamente, de Torre envia a um jovem poeta mexicano, Manuel Maples Arce, seu poema manifesto, “Vertical”, que incita Maples Arce a fundar no México seu próprio movimento vanguardista, o estridentismo⁷, ao qual de Torre e Borges serão de algum modo filiados⁸.

Theodor Adorno e Max Horkheimer, apesar de separados pelo Atlântico, entendem-se para apoiar financeiramente Walter Benjamin, à época exilado em Paris e mergulhado em seu grande projeto das *Passagens Parisienses*. Adorno consegue obter, por sua vez, uma soma mensal de 450 francos, vindo “um terço do Adorno, de sua tia Agathe e de Else Herzberger” (Adorno e Benjamin, 2006, p. 40) e conquista o interesse do sobrinho de Elsa Herzberger pelas dificuldades de Benjamin, o qual convence Rowohlt, editor de Benjamin, a dar 20 exemplares de cada uma de suas obras publicadas (*Origem do drama barroco alemão* e *Senso único*), para que o dinheiro da venda vá totalmente para seu autor. Por sua vez, Horkheimer faz com que o Institut de Recherches Sociales designe a Benjamin uma soma mensal de 100 francos, depois de 200 francos, e multiplica os trâmites junto às autoridades americanas a fim de lhe obter um visto e um posto nos Estados Unidos.

⁶ Movimento que visava conciliar as propostas do cubismo, do futurismo e do dadaísmo.

⁷ O movimento estridentista, ativo entre 1921 e 1927, foi nomeado assim por causa do grande barulho que, no momento de seu surgimento, suscitou na opinião pública.

⁸ Ver a série de correspondências de Guillermo de Torre com Manuel Maples Arce, Rafael Cansinos Assens, Alfonso Reyes e Ramón Gómez de Serna, todas editadas e anotadas por Carlos García.

Esses dois exemplos colocam em evidência a importância do dom no âmbito dos grupos literários. No primeiro caso, a circulação de cartas, de manuscritos, de livros e de revistas entre cidades, países e continentes, a partir de núcleos locais (as *tertúlias* madrilêneas), sob a forma de trocas sem contrapartida imediata, favoreceu a integração de Torre, Borges, Maples Arce e tantos outros nas redes cosmopolitas de vanguarda. Aqui, o dom está efetivamente no centro do grupo literário, no princípio das trocas que ali ocorrem. O exemplo da Escola de Frankfurt mostra a sobreposição entre relações de amizade (Adorno e Benjamin, Adorno e Horkheimer) e as relações mais formais, mais administrativas, que têm como estrutura o Institut de Recherches Sociales. O apoio monetário vindo do instituto desloca recursos institucionais, inscritos oficialmente em um orçamento votado por instâncias também oficiais. Esse apoio se encontra assim definido como uma forma de colaboração intelectual, acompanhada de tarefas específicas. Isso permite, por exemplo, que Horkheimer insista em obter o tão desejado ensaio sobre Fuchs, enquanto Benjamin teria como preferência privilegiar a escrita de seu *Baudelaire*, cuja primeira versão, aliás, será recusada por Adorno e Horkheimer.

SOCIABILIDADES LITERÁRIAS: DESCOMPARTIMENTAR AS PERSPECTIVAS

O presente artigo aborda as práticas do dom nos grupos literários. Especifiquemos, inicialmente, o que entendemos por “Grupos literários”. Apesar do mito persistente do escritor solitário, o coletivo está por toda parte na vida literária e há, desde muito tempo, agrupamentos de pessoas especializadas no mundo das letras. Vestígios de sociabilidade literária foram identificados já na Antiguidade (pensemos no jardim de Epicuro) e não há um exemplo de época ou lugar que dela esteja completamente desprovido. Das câmaras de retórica⁹ aos grupos de vanguarda, dos cenáculos aos coletivos contemporâneos (Glinóer e Lacroix, 2020), dos sindicatos aos comitês de redação de revista, das reuniões no café às reuniões acadêmicas, a história literária é repleta de coletividade, mesmo que o coletivo seja frequentemente pouco levado em consideração – salvo na França, onde as sociabilidades literárias foram particularmente abundantes. Muitos níveis de coesão e muitos tipos de organização existem nessas formas de reagrupamento: os escritores podem estar ligados por redes informais, por relações de mestre e discípulo e por laços de

⁹ [Nota do tradutor] Câmaras de retórica eram associações literárias e dramáticas existentes nos Países Baixos (especialmente Flandres) entre os séculos XV e XVII, onde poetas, dramaturgos e oradores se reuniam para compor, recitar e competir em poesia e teatro.

amizade sem que essas relações adquiram uma identidade pública. Podem também formar tipos de grupos informais, cuja identidade coletiva é tênue, mas nos quais ainda existe um projeto comum, como acontece especialmente nos comitês de redação de revistas. Podem ainda se encontrar em instituições literárias bem formalizadas (academias, sindicatos PEN clubs¹⁰), nos quais os laços afetivos são mais frágeis. Apesar da confusão lexical em vigor (grupo, cenáculo, movimento, salão são palavras frequentemente utilizadas, na época dos fatos e mesmo pela crítica, de modo intercambiável), neste artigo vamos nos limitar aos grupos que se anunciaram como grupo, nos quais o nível de coesão era elevado e que foram animados por uma sociabilidade bastante informal, mas solidamente enraizada. As *coteries* pré-revolucionárias, os cenáculos franceses do século XIX, as tertúlias espanholas, os grupos de vanguarda austríacos, italianos ou mesmo poloneses da primeira metade do século XX são todos, a nosso ver, grupos literários.

Nossa abordagem pretende ser descompartmentada em vários níveis. Primeiro, o qualificativo “literário” não deve ser entendido de maneira restritiva. A imensa maioria dos grupos literários não abriga somente profissionais da escrita, mas também pintores, escultores, músicos etc. Mesmo os escritores não o são em tempo integral: eles podem praticar outras atividades lucrativas, ligadas ou não à escrita, e manter outras práticas artísticas¹¹. Os exemplos mencionados na introdução já terão permitido entrever isto: as relações literárias podem emergir de ou se transformar em relações amistosas, artísticas, conjugais, de vizinhança, econômicas, mundanas, políticas, religiosas, científicas, sexuais, esportivas etc. O fato é que as ligações entre esses atores raramente são “puramente” literárias, mas, ao contrário, são “impuras”, no sentido mineral do termo, compostas por múltiplos elementos. Por outro lado, abordaremos as práticas grupais a partir de uma grande variedade de casos: todos os grupos literários correspondentes aos critérios indicados foram incluídos na pesquisa (ainda em curso), independentemente de sua localização, do século XVII ao final do século XX¹². Para os francófonos, essa perspectiva transnacional é carregada de sentido, pois permite evitar a armadilha do nacionalismo metodológico, que tende a instituir as formas de sociabilidade literária marcantes na história literária francesa como “quase universais” para a sociologia literária.

¹⁰ [Nota do tradutor] PEN Clubs: Associações internacionais que reúnem homens de letras (Poets, Essayists, Novelists) dedicados a promover a literatura e a defender a liberdade de expressão. A primeira foi criada em 1921, em Londres, pela escritora Catherine Amy Dawson Scott.

¹¹ O subtítulo do livro de Alain e Odette Virmaux é eloquente quanto a isso: *Dicionário dos movimentos artísticos e literários 1870-2010*. Grupos, correntes, polos, centros: literatura, pintura, teatro, cinema, música, arquitetura, foto, história em quadrinhos.

¹² Não se trata, portanto, do contexto digital, em que estão surgindo novas formas de socialização (Leveratto e Leontsini, 2008).

Nossa hipótese é que os grupos literários assim entendidos se caracterizam por uma prática intensa do dom. O conceito do dom, tal qual Marcel Mauss o desenvolveu, mostra-se extremamente precioso para nosso propósito porque ele não reduz as trocas de louvores ou de serviços a um cálculo cínico de rentabilidade ou, ao contrário, a uma transação desprovida de interesse. O campo literário, e singularmente sua ala mais ávida por autonomia onde se mobilizam os grupos literários, aparece como um caso ideal para apreender à luz do dom as inúmeras formas de cooptação, de gratidão e de reconhecimento para a obra. Incluem-se aí os atos desinteressados, visto que a lei do campo, as injunções tácitas os encorajam e que o universo de valores os valoriza. Por um efeito de *illusio*, quer dizer, de reencontro “entre dois *habitus* predispostos ao desinteresse e aos universos nos quais o desinteresse é recompensado” (Bourdieu, 1994, p. 164), o campo literário produz uma obrigação do desinteresse, um interesse duplicado por uma exigência de se engajar indefinidamente em uma cadeia de dons e contradons lucrativos, cada um deles em termos de capital simbólico e de capital social. O grupo revela-se então como um ambiente privilegiado para estratégias decorrentes desse desinteresse lucrativo (Caillé, 1994), no qual as ações inspiradas por sentimentos altruístas e pela busca do lucro se entrelaçam, contrapõem-se e negociam-se permanentemente. É necessário também ter em conta os múltiplos interesses que estão em jogo (e ver o interesse em jogo como uma “paixão”, no sentido que Spinoza deu ao termo, podendo levar a decisões que nenhum cálculo racional poderia *a priori* explicar), tanto na dinâmica dos grupos literários, quanto em sua constituição e em sua desintegração, interesses indissociáveis da lógica do dom. Alcança-se aqui uma outra lógica que predispõe a uma economia do dom nos grupos literários: a da socialização e da intensificação dos vínculos afetivos: o dom, como nos mostra o *Ensaio sobre o Dom* de Mauss, cria e consolida o laço social. Ele participa da transformação de relacionamentos em amizade e de laços de amizade em grupos literários, tudo isso sobre a base de uma confirmação mútua da identidade literária: praticando o dom e o contradom, os membros do grupo literário se reconhecem mutuamente como escritores. Os interesses subjacentes às trocas metamorfoseiam-se, assim, nos discursos e, sobretudo, nas narrativas que os próprios atores podem deles criar, em uma paixão literária compartilhada, em um fundamento identitário. Para demonstrá-lo claramente, apresentaremos nas próximas páginas as principais formas de dons entre escritores no contexto de sua participação em um grupo literário.

O “COMÉRCIO” DAS IDEIAS: PARTILHAR DISCURSOS E TEXTOS

Apesar do aparente truísmo, é necessário lembrar que a interação entre escritores é frequentemente fundada na troca de discursos, sejam eles pronunciados oralmente ou registrados por escrito. Se a conversação engendra e cimenta todas as formas de sociabilidade direta¹³, a palavra e a linguagem são, ao mesmo tempo, meio e matéria, causa e finalidade, nos grupos literários (Laisney, 2017). A fagulha inicial que transforma a proximidade física, a contiguidade e a partilha de talentos em possibilidade de proximidade intelectual reside frequentemente em um uso marcado, distinto, da palavra (dito espirituoso, torneios frasais, dicção), e mais fortemente ainda a expressão de um julgamento partilhado (entusiasmo ou aversão) em relação a uma obra, um autor. Do mesmo modo, entre todas as cartas que um escritor pode receber, as que despertarão interesse serão aquelas que, em primeiro lugar, dispõem de um estilo específico, livre dos lugares comuns, ou com um propósito personalizado sobre literatura – especialmente se for sobre a obra do destinatário – abrindo a possibilidade de uma troca de ordem literária. O discurso é o substrato inicial que, eventualmente, pode conduzir à elaboração de um intertexto comum e, inclusive, de uma estética partilhada. São, aliás, as transições imperceptíveis, não em saltos espetaculares, que fazem passar das trocas de palavras às trocas de textos e à fabricação coletiva do literário. As raras estenografias de que dispomos¹⁴ mostram que, fora dos quadros restritos e públicos das noites de leitura, das mesas-redondas e dos congressos, dificilmente é possível fixar arbitrariamente as fronteiras entre propósitos “literários” (por seu tema ou sua forma) e aqueles que não são (discussões políticas, filosóficas ou culturais, conversas triviais etc.).

Entre as trocas de discursos, as cartas ocupam um lugar preponderante, posição que foi reforçada pela integração institucional do *corpus* epistolar às “obras completas” dos autores e pela formação dos fundos de arquivos de correspondências¹⁵. O estudo das correspondências constitui um acesso privilegiado para a análise dos grupos literários, visto que nelas se pode ler a elaboração dialógica dos discursos e das poéticas, a dinâmica das redes e a circulação dos objetos, dos recursos e das formas de capital, como

¹³ Em alguns lugares, entretanto, é necessário zelar para não dar demais. No cenáculo de Mallarmé, se acreditarmos em Camille Mauclair, era preciso dissimular as pérolas de sua conversação, “trancar [seus] achados como se fosse prataria”, sobretudo quando Oscar Wilde estava presente! (Mauclair, 1999, p. 874). Esse contraexemplo, o de uma espécie de roubo de propriedade intelectual, acompanhado de uma clara reprovação, demonstra a quebra de uma norma implícita: a da circulação de dons e contradons de palavras trocadas sem que se faça delas objeto de comércio em outros círculos ou no mercado literário. É, aliás, por esse motivo que o autor decide relatá-lo.

¹⁴ Ver o “Cahier de conversations” em Glinoyer et Laisney, 2013.

¹⁵ Mas também de grupos e de redes de intelectuais, como mostra o vasto projeto intitulado *Mapping the Republic of Letters*, no endereço: <http://republicofletters.stanford.edu>.

testemunha a publicação das correspondências coletivas dos organizadores do *Nouveau Roman* na França (Butor et al, 2021) e do ultraísmo na Espanha. Ora, como mostrou, entre outros, Benoît Melançon (1996), o epistolar é o lugar tanto de uma constante autorrepresentação de si quanto de seu destinatário (além dos terceiros incluídos): há assim uma filigrana narrativa constante, que arquiteta uma narrativa de troca (ou melhor: o relançamento constante de uma narrativa proposta, susceptível de ser retomada, modificada, contestada).

Uma vez iniciada a troca, uma etapa crucial na evolução dos laços é a partilha dos textos, mais importante ainda se são autógrafos. Entregar um manuscrito para alguém ler é um sinal importante de confiança recíproca, suscetível de consolidar a aspiração literária, no caso de jovens escritores, e de conferir uma legitimidade relativa ao julgamento crítico do destinatário – pensemos em Victor Hugo distribuindo encorajamentos aos jovens poetas que lhe enviam suas coletâneas de versos; pensemos também, na história literária quebequense, em Louis Dantin, que se tornou mentor por excelência de uma geração de poetas iniciantes, apesar de seu exílio nos Estados Unidos. Em vários casos, as obras literárias tiveram uma primeira leitura “entre amigos”. Nos anos que precederam a Primeira Guerra mundial, os escritores das redes da *Nouvelle Revue Française* em Paris (Anglès, 1978), o grupo de poetas ditos fugitivos em Memphis, no Tennessee (Farrel, 2001), e os “irmãos Sérapión” em São Petersburgo (Oulanoff, 1966) reuniam-se, cada um por sua vez, regularmente para ouvir seus companheiros lerem em voz alta as últimas versões de seus manuscritos.

Além disso, é necessário considerar que a difusão oral ou manuscrita internamente às redes, sobretudo quando ela toma a forma de uma leitura perante várias pessoas, constitui uma forma específica de comunicação literária cujo contexto deve ser examinado de perto a fim de se ver como essa circulação negocia a fronteira entre esfera pública e privada. As leituras feitas nos salões predominantemente literários (ou filosóficos), mesmo que fossem de cartas familiares, eram consideradas nos séculos XVIII e XIX como uma submissão dos textos ao julgamento do público escolhido (Lilti, 2005). Seja na casa da condessa Clara Maffei em Milão, na de Maryana Marrash em Alepo, na de Mariquinha Sánchez em Buenos Aires ou na de Madame Geoffrin em Paris, os escritores poderiam assim ganhar os favores de um círculo restrito de pares e capitalizar esse capital social aumentado.

Os grupos literários promovem igualmente a circulação de uma vasta quantidade de textos publicados, como artigos de jornais, exemplares de revistas ou livros. No caso de edições de tiragem limitada, que os autores distribuem a amigos e conhecidos, a diferença entre as versões preliminares e os textos publicados nem sempre é nítida,

distinguindo-se, quando muito, pelo acréscimo de alguns críticos na lista de destinatários. Janelas abertas para essas bibliotecas coletivas que constituem as redes e os grupos literários, as correspondências permitem analisar as dinâmicas locais de trocas de livros e de revistas. Assim, as correspondências mantidas por Manuel Maples Arce, fundador do estridentismo mexicano, com Guillermo de Torre, Humberto Rivas e Renée Dunan, permitiram-lhe receber da parte deles um exemplar do manifesto mural *Vertical*, da revista *Ultra*, assim como revistas e livros de Cendras, Reverdy e Soupault (Maples Arce, 2013). Mesmo a forma do manifesto inicial do estridentismo é devedora desse acesso ao material da *Vertical*, assim como a poética desenvolvida pelos estridentistas deve muito àquela desenvolvida pelos ultraístas. A circulação material das cartas, das coleções e das revistas foi aqui a condição necessária para o nascimento de uma vanguarda hispanófono transatlântica.

Aquele que dá (ou empresta) livros é com frequência aquele que recebe. E aquele que recebe adquire uma ascendência sobre os outros. Os dons de livros intensificam essa ascendência e o fazem na medida da raridade ou do preço elevado dos manuscritos, dicionários, coleções ou estudos oferecidos. Quanto mais excepcional é o dom, mais ele pesa nas trocas. Reunir amigos, companheiros e discípulos em sua casa, não é somente uma marca de grande intimidade, colocando em relação a rede literária e o círculo familiar, mas por vezes leva a “alianças matrimoniais” (como no caso das filhas do poeta José-Maria Heredia, casadas uma com Pierre Louÿs e a outra com Henri de Régnier), mas também exhibe as coleções de obras artísticas e literárias de que se dispõe. Copeau e Rivière recorrerão a Gide para lhe pedir emprestadas obras de ou sobre Dostoievski ou Baudelaire, indispensáveis à preparação das encenações ou de artigos críticos sobre estes, obras que eles são demasiados pobres para comprar (Gide e Rivière, 1988; Coupeau e Gide, 1987). Que um grupo literário seja também, de uma certa maneira, uma biblioteca partilhada encontra um exemplo extremo no caso de Samuel Coleridge, que chegava a tomar emprestado quase 500 obras de uma vez da biblioteca de seu amigo Thomas de Quincey (Russel e Tuite, 2002; Levy, 2008).

A doação de suas próprias obras, visto que geralmente o autor guarda alguns exemplares, não é em si um gesto cativante. Entretanto, o envio de um número de revista, em uma separata, do último livro publicado, constitui de uma certa maneira um apelo à reação do destinatário, à expectativa implícita do seu julgamento. Das fórmulas mundanas à análise detalhada, passando pelas apropriações subjetivas e pelas confissões – ou adesões – de novos leitores se anunciando como discípulos, às lacônicas observações de interlocutores que sinalizam a sua distância passando pelos aplausos protocolares e recusas explícitas, as reações variam tanto em sua forma quanto em seu conteúdo. Em casos mais

raros, os textos exibem os traços visíveis da sociogênese amigável: Ezra Poud assim modificou ou suprimiu entre 350 e 400 versos, quase a metade de *The Waste Land* de T. S. Eliot (Stillinger, 1991). Por outro lado, o diretor de *La Nouvelle Revue Française*, Jean Paulhan, durante a temporada de verão que passou na casa de Henri Pourrat, um escritor da região de Auvergne do qual era próximo, dedicou seus dias por lá a editar o manuscrito de um dos correspondentes de Pourrat, Léo-Paul Desrosiers, que será o primeiro autor quebequense a publicar na Gallimard, com *Les Engagés du Grand Portage*, em 1938 (Lacroix, 2010). Os círculos familiares podem ter uma implicação direta na gênese dos textos e na sua edição posterior, intervenções que são na sua maior parte ignoradas pelos contemporâneos. É o caso do círculo Godwin-Shelley. Uma parte da obra de Mary Wollstonecraft, pioneira do feminismo, foi publicada postumamente por seu marido, William Godwin, figura notória do anarquismo. Sua filha, por sua vez, trabalhou na edição e na publicação das obras de Godwin, e pai e filha colaboraram em diversos projetos. Mary Wollstonecraft Shelley colaborou ainda mais intensamente com seu marido, Percy Bysshe Shelley, tanto em seu romance *Frankenstein* quanto nas obras dele, das quais prepara a publicação póstuma (Robinson, 1997; Clemit, 1999; Crook, 2017). Tais colaborações suscitam complexos problemas de autoria. Elas não se restringem à mera linha do dom: Mary Shelley foi, afinal, generosamente remunerada pela edição de *Poetical Works* de Percy Shelley. O interesse por elas, de nossa perspectiva, deve-se ao fato de que elas se inscrevem nas complexas cadeias dos dons e contradons, imbricando aspectos amorosos, familiares, econômicos, literários e políticos.

EXIBIR O DOM, NO PRÓPRIO TEXTO

Uma particularidade da economia das trocas no mundo literário é que os dons também se contam na própria obra publicada, desde os “limiães” do texto, segundo a expressão de Gérard Genette (1987)¹⁶, até o próprio texto. São numerosos os homens de letras que oferecem um espaço do seu texto para colocar em evidência o nome de um companheiro de grupo. Eles o fizeram, sobretudo na época romântica, em epígrafes: nas *Rhapsodies* de Pétrus Borel, de 1831, cada uma das peças era precedida de uma ou duas epígrafes igualmente divididas entre os clássicos, os ilustres predecessores e os camaradas do Petit Cénacle. Ora, citar contemporâneos transgride o costume de colocar em evidência

¹⁶ [Nota do tradutor] Aqui o autor se refere ao título dado por Gérard Genette à obra em francês, *Seuils*, que pode ser traduzido por limiães, umbrais, soleiras (de portas) etc. No Brasil, o tradutor da obra optou por *Paratextos Editoriais* (2009).

apenas os escritores mortos ou que passaram para a posteridade. Citar seus amigos é colocar no mesmo nível os conhecidos e os desconhecidos, amalgamar as jovens promessas às glórias reconhecidas em uma referência comum. É citar seus amigos *como* clássicos e tratar os clássicos como camaradas.

A função das dedicatórias é complementar. Roger Chartier mostrou muito bem o caráter ao mesmo tempo específico e central da dedicatória no sistema que regia o campo literário sob a monarquia absoluta. Centrado inicialmente na pessoa real e depois estendido aos aristocratas mecenas, o ato de dedicar cumpria uma função primordial, pois, em uma mecânica do dom e do contradom, a aceitação da oferta obrigava o dedicatário a retribuir o dedicante, em dinheiro ou em proteção. As homenagens retribuídas tinham igualmente uma outra função, simbolicamente mais fundamental ainda, visto que, ao aceitar ou recusar a homenagem, o soberano se encontrava em posição de conferir – ou não – legitimidade à obra. Nessa segunda perspectiva, a dedicatória fazia do príncipe um mediador, ou mesmo um corresponsável pela obra, da qual ele assumia uma forma particular e superior de paternidade autoral (Chartier, 1998). Na era pós-revolucionária, o colapso do sistema do mecenato deslocou as manifestações poéticas de lealdade sem, contudo, extingui-las. Em um momento em que o mecenato é apenas residual, os pares sucedem os doadores, os amigos substituem os protetores na prestação de homenagem, e é a eles que se dedica uma obra em primeiro lugar. As *Poésies de Joseph Delorme*, publicadas por Sainte-Beuve em 1829, são repletas de dedicatórias: os poemas são dedicados aos contemporâneos de seu autor, quer sejam obscuros (Thurior de la Rosière), ilustres (Hugo, Lamartine), ou em vias de virem a sê-lo (Musset, Jouffroy) (Sainte-Beuve, 2004). Por sua vez, o jovem Édouard Chauvin, em suas *Figurines*, publicadas em Montreal no ano de 1918, multiplica os endereçamentos pessoais (Ubaldo Paquin, Édouard Montpetit) e coletivos (“à Basoche”¹⁷, “Aos estudantes do meu tempo”, “Aos bons sujeitos do Arche”).

Os nomes dos membros aparecem ainda em outros lugares privilegiados de afirmação do grupo literário, tais como prefácios e manifestos. Para citar apenas dois exemplos, o romântico Émile Deschamps, no prefácio de seus *Études Françaises et étrangères* (1828), multiplica os nomes de autores românticos, acompanhados cada um de um elogio: Alexandre Dumas que começou “a revolução do drama histórico em prosa”, Victor Hugo que possui uma prosa “bela e generosa”, *Cinq-Mars* “que foi suficiente para fazer a reputação” de Alfred de Vigny e assim por diante (Deschamps, 1927). Um século mais

¹⁷ [Nota do tradutor] Antiga irmandade de advogados e de funcionários do sistema jurídico de Paris, fundada durante a Monarquia que perdeu a sua força paulatinamente após a Revolução de 1789.

tarde, André Breton relaciona conscienciosamente em seus dois Manifestos do Surrealismo os indivíduos que não desmereceram o título de surrealistas.

DONS E NARRATIVA: SÍNTESES DO HETEROGÊNEO

Destacamos apenas os dons mais literários dos grupos literários, mas não há apenas palavras e textos nas trocas entre escritores, nem apenas o literário em suas sociabilidades. Nada, *a priori*, escapa à possibilidade de ser doado, transmitido ou compartilhado: álcool, dinheiro, armas, bens móveis e imóveis, mercadorias, drogas, herbários, partituras, fotografias, telas etc. E, ainda, o que não pode ser monetizado, mas é constantemente comercializado no plano simbólico: cooptações em comitês de redação de jornais e em academias, cartas de recomendação, presença em estreias e em vernissages, críticas elogiosas, conselhos etc. O exemplo do círculo Godwin-Shelley nos coloca na pista da natureza proteiforme dos dons que ocorrem em grupos literários. A participação no grupo constitui um laço identitário, que situa o indivíduo no campo literário ao mesmo tempo que o ultrapassa, do mesmo modo que os dons transbordam constantemente o literário. Poder-se-ia dizer que a natureza do dom é ser proteiforme, ao menos como potencialidade, na medida em que o dom projeta em um futuro aleatório a possibilidade de um contradom, o qual não precisará corresponder estritamente ao dom inicial, nem na medida de seu valor nem de seu conteúdo. Do mesmo modo, o dom frequentemente se estende além da reação dual, alcançando uma comunidade mais ampla. O caráter socializador do dom leva, assim, quase de modo imperceptível, da amizade literária ao grupo literário.

A importância do dom como lógica econômica dominante das trocas no interior dos grupos literários, por causa da multidimensionalidade dos dons, distingue marcadamente os grupos tais como nós os entendemos aqui dos agrupamentos mais formalizados ou mais integrados ao mercado do livro. O dom no grupo tem sua própria economia, constitutivamente oposta à possibilidade de um equivalente generalizado (dinheiro, por exemplo). De uma certa maneira, o dom é como a narrativa segundo Ricœur, uma “síntese heterogênea” (Ricœur, 1993). Assim, quanto mais importante for o dom, nas trocas de um dado grupo, maiores serão as chances de que aquilo que circula como dom seja de natureza variada, e mais complexas serão as relações, entrelaçando “recursos” literários, afetivos, econômicos e materiais diversos. Por sua diversidade e intensidade, esses laços também apresentarão tendência a redefinir mais profundamente a identidade das pessoas implicadas nesses circuitos de troca. Quando Ezra Poud retrabalha

o manuscrito de *The Waste Land* de Eliot, ele não o faz como empregado de uma editora, em troca de algum salário, mas como amigo, “gratuitamente”, por participar com Eliot da aventura dos círculos modernistas transatlânticos do entreguerras, e no âmbito de uma série de trocas que envolvem cartas, recomendações (permitindo, por exemplo, a Eliot publicar na *Blast*, revista fundadora do vorticismo), manuscritos, artigos dedicados reciprocamente aos poemas do outro, a busca por parte de Pound por mecenas para garantir a Eliot uma renda regular, mas também cafés, cervejas e gim, mexericos e comentários sobre o mundo artístico e literário. Para além dos discursos, dos textos, do dinheiro ou dos múltiplos objetos suscetíveis a circular na forma de dom, participar de um grupo é doar a si mesmo, a sua presença, a seu tempo – visto que os trabalhos intelectuais são por excelência devoradores de tempo e geralmente solitários.

O dom não se calcula, mas ele pode ser expresso. A abundância de dons paratextuais e de marcas de fidelidade ao grupo atizou o fogo da crítica durante toda a “querela da camaradagem literária” na França (Glinoyer, 2008). Os ataques às práticas de solidariedade acompanharam toda a história dos grupos literários: as acusações de compadrio ou de nepotismo, como etiqueta abrangente, reutilizada inúmeras vezes, de “sociedade de admiração mútua”, indicam precisamente o caráter unificador e pessoal do dom que prevalece em um dado grupo. Dom e pertencimento ao grupo confundem-se assim nos relatos que dele se fazem, seja no modo panegírico, seja no ataque impiedoso. Aqui, ocultam-se os interesses em jogo (e o interesse pelo jogo), lá se obstina em revelá-los. Uma única obra poderá fazer coexistir o relato do encantamento pelo grupo e o relato da corrupção pelo grupo: pensemos nas numerosas obras consagradas à vida literária, das *Illusions perdues* de Balzac aos *Detectives sauvages* de Roberto Bolaño passando pelo *Le Cabinet rouge* de August Strindberg (Dozo et al., 2012). Porque o mundo literário não é apenas real, mas também imaginário, a narrativa permite reunir, dar forma e dar sentido à natureza proteiforme dos dons e das relações internas aos grupos literários.

DONS ET ECONOMIE DES ECHANGES DANS LES GROUPES LITTERAIRES

RESUMÉ: Central dans la dynamique des groupes littéraires, principe sous-jacent de l'économie des échanges qui s'y déroulent, le don a pourtant été peu étudié dans cette perspective spécifique. Empruntant une perspective résolument transnationale, cet article propose un tour d'horizon des multiples formes de don propres aux groupes littéraires : dons de parole, de manuscrits, de livres, de dédicaces. Socialisateur, le don fait passer de l'amitié à l'identité de groupe, ceci en générant un filigrane narratif constant, celui du récit

de l'échange. L'étude des groupes montre ainsi l'homologie profonde entre don et récit, celle de la synthèse de l'hétérogène (Ricœur).

MOTS CLES: Don littéraire; Économie du don; Groupes littéraires; Réseaux transnationaux.

GIFTS AND EXCHANGE ECONOMY IN THE LITERARY GROUPS

ABSTRACT: Even though the gift is crucial in the peculiar dynamics of literary groups, there has been no thorough research of this phenomenon. This paper, based on a resolutely transnational perspective, proposes a study of the multiple forms of gift characterizing the life of literary groups: gift of speech, manuscripts, books, and dedications. Gifts transform friendships into group identity, creating a constant narrative reflection on itself: the story of the relation as a flux of exchanges. The analysis of literary groups thus shows the profound homology between gift and narrative, both being a synthesis of the heterogeneous (RICŒUR).

KEYWORDS: Literary gift; Gift economy; Literary groups; Transnational networks.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Wiesegrund; BENJAMIN, Walter. *Correspondance, 1928-1940*. Trad. Guy Petitdemange e Philippe Ivernel. Paris: Gallimard, 2006. [Tradução brasileira: ADORNO-BENJAMIN. *Correspondência 1928-1940*. 2. ed. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora da Unesp, 2013].

ANGLES, Auguste. *André Gide et le premier groupe de La Nouvelle Revue française*. Paris: Gallimard, 1978. (v. 3).

BOURDIEU, Pierre. *Raisons pratiques*. Paris: Seuil, 1994. [Tradução brasileira: *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Trad. Mariza Correa. São Paulo/Campinas: Papirus: 1994].

BUTOR, Michel et al. *Nouveau roman. Correspondance 1946-1999*. Edição de Carrie Lanfried et Olivier Wagner. Paris: Gallimard, 2021.

CAILLE, Alain. *Don, intérêt et désintéressement*. Paris: La Découverte, 1994.

CHARTIER, Roger. *Culture écrite et société. L'ordre des livres (XIVe -XVIIIe siècle)*. Paris: Albin Michel, 1998.

CLEMIT, Palema. Mary Shelley and William Godwin: A Literary-Political Partnership, 1823-1836, *Women's Writing*, v. 6, n. 3, p. 285-295, 1999.

CROOK Nora. Mary Shelley's Editing of Percy Bysshe Shelley, *Shelley Conference*, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_AHD3DEF88o. Acesso em 15/01/2026.

DESCHAMPS, Émile. La Préface des *Études françaises et étrangères*. Edição de Henri Girard. In: DESCHAMPS, Émile. *Études françaises et étrangères*. Paris: Les Presses françaises, Bibliothèque romantique, 1927 (1828).

DOZO, Björn-Olav et al. (dir.). *Imaginaires de la vie littéraire*. Fiction, figuration, configuration. Rennes: Presses universitaires de Rennes, Interférences, 2012.

FARRELL, Michael P. *Collaborative Circles*. Friendship Dynamics & Creative Work, Chicago: University of Chicago Press, 2001.

GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Seuil, 1987. [Tradução brasileira: GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009].

GIDE, André; RIVIERE, Jacques. *Correspondance (1909-1925)*. Edição de Pierre de Gaulmyn e Alain Rivière. Paris: Gallimard, 1988.

GLINOER, Anthony; LACROIX, Michel (dir.), *La littérature contemporaine au collectif, Fabula/Les colloques*, 2020. Disponível em: <https://www.fabula.org/colloques/index.php?id=6671>. Acesso em 15/01/2026.

GLINOER, Anthony; LAISNEY, Vincent. *L'Âge des cénacles*. Confraternités littéraires et artistiques au XIXe siècle. Paris: Fayard, 2013.

GLINOER, Anthony. *La Querelle de la camaraderie littéraire*. Les romantiques face à leurs contemporains. Genève: Droz, 2008.

LACROIX, Michel. Des «amitiés paysannes» à la NRF. In: POURRAT, H.; LE NORMAND, M.; DESROSIERS, L.-P. *Correspondance (1933-1959)*. Edição de Henri Pourrat, Michelle Le Normand e Léo-Paul Desrosiers. Québec: Nota Bene, 2010.

- LAISNEY, Vincent. *En lisant, en écoutant*. Bruxelles: Les Impressions Nouvelles, 2017.
- LEVERATTO, Jean-Marc; LEONTSINI, Mary. *Internet et la sociabilité littéraire*. Paris: Éditions de la Bibliothèque publique d'information, 2008.
- LEVY, Michelle. *Family Authorship and Romantic Print Culture*. Londres: Palgrave MacMillan, 2008.
- LILTI, Antoine. *Le Monde des salons*. Sociabilité et mondanité à Paris au XVIII^e siècle. Paris: Fayard, 2005.
- MAPLES ARCE, Manuel. *Stridentisme*. Poésie et manifeste (1921-1927). Edição de Antoine Chareyre. Paris: Le Temps des Cerises, 2013.
- MAUCLAIR, Camille. *Le Soleil des Morts*. Paris: Robert Laffont, 1999 (1898).
- MELANÇON, Benoît. *Diderot épistolier*. Contributions à une poétique de la lettre familière au XVIII^e siècle. Montréal: Fides, 1996.
- OULANOFF, Hongor. *The Serapion Brothers: Theory and Practice*. Paris et La Haye: Mouton, 1966.
- ROBINSON, Charles E. Editing and Contextualizing. *The Frankenstein [Notebooks], Keats-Shelley Journal*, v. 46, p. 36-44, 1997.
- RICCEUR, Paul. *Temps et récit*, I. Paris: Seuil, 1983. [Tradução brasileira: *Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica*. Trad. Cláudia Berliner. Rev. da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. (v. 1)].
- RUSSELL, Gillian; TUIITE, Clara (dir.). *Romantic Sociability: Social Networks and Literary Culture in Britain, 1770-1840*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- SAINTE-BEUVE. *Vie, Poésies et Pensées de Joseph Delorme*. Edição de Jean-Pierre Bertrand e Anthony Glinoyer. Paris: Bartillat, 2004 (1829).
- STILLINGER, Jack. *Multiple Authorship and the Myth of Solitary Genius*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- VIRMAUX, Alain; VIRMAUX, Odette. *Dictionnaire des mouvements artistiques et littéraires 1870-2010*. Groupes, courants, pôles, foyers: littérature, peinture, théâtre, cinéma, musique, architecture, photo, bande dessinée. Paris: Éditions du félin, 2012.

Submetido em 04/03/2026

Aprovado em 12/03/2026

Publicado em 31/05/2026
